

JABAL AMIL: A GÊNESE DO ATIVISMO XIITA CONTEMPORÂNEO

ISSAM RABIH MENEM 

*Núcleo de Pesquisa sobre as Relações Internacionais
do Mundo Árabe (Nuprima), Brasil*
issam_menem@hotmail.com

SILVIA REGINA FERABOLLI 

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil
silvia.ferabolli@ufrgs.br

RESUMO: Este artigo tem como objetivo demonstrar que o ativismo secular de famílias tradicionais xiitas originárias de Jabal Amil, no sul do Líbano, está na origem de fenômenos sociais e políticos transformadores no mundo xiita contemporâneo, particularmente os movimentos Sadrista, Amal e Hezbollah. O objetivo central é investigar a complexa rede que molda as relações entre os membros da comunidade xiita de Jabal Amil e seus correligionários em outras partes do Oriente Médio, especialmente no Irã, no Iraque e no Líbano, além de analisar como as conexões dessas influentes famílias xiitas transcendem fronteiras nacionais. Para alcançar esse objetivo, o artigo se baseia na teoria Construtivista e no método de análise de redes sociais (ARS). Conclui-se que o pertencimento a uma histórica rede transnacional, cujas raízes estão em Jabal Amil, mobiliza, legitima e investe de poder as principais lideranças xiitas da era contemporânea.

Palavras-chave: Xiismo, Hezbollah, Amal, Movimento Sadrista,
ARS, Médio Oriente

Data de recebimento: janeiro de 2024.

Data de aceitação: outubro de 2024.

INTRODUÇÃO

Excetando-se o consenso manufaturado que associa Islã e terrorismo internacional, o nexó entre religião e política no estudo dos fenômenos globais é pouco explorado. Isso porque a disciplina de Relações Internacionais trabalha com a lógica de que, a partir do Tratado de Paz de Vestfália (1648), os governantes dos Estados imperiais passaram a ter o direito de determinar a religião de seu próprio Estado. Sendo assim, Vestfália inauguraria tanto a era de secularismo nas relações interestatais quanto a diplomacia moderna, marcada pelas relações entre Estados-nação modernos onde impera a normatividade da exclusão de questões religiosas da política internacional. A realidade contemporânea, contudo, demonstra que os quase quatro séculos de apelo Europeu à uniformização do planeta à sua imagem e semelhança, *i.e.*, de unidades políticas com demarcações territoriais claras, regidas por um único governante, que governa súditos que professam a mesma fé e que entregam ao Estado o poder de decidir os rumos de sua nação imaginada, não surtiu efeito em alguns lugares do mundo. Esse artigo versará exatamente sobre um desses lugares: o Oriente Médio.

Nesse artigo, iremos demonstrar como a díade religião-política funciona como catalisador da formação de alianças, identidades coletivas e estruturas de poder dentro de comunidades transnacionais xiitas no Líbano, Irã e Iraque, as quais figuram entre as mais citadas e menos compreendidas pelas Relações Internacionais. Entender como as redes transnacionais xiitas vêm se formando ao longo do tempo tem o potencial de revelar uma nova visão sobre como a religião ainda desempenha um papel central nas políticas de poder no Oriente Médio, particularmente em termos de resistência à transferência de lealdade da família e da comunidade ao Estado –uma das prerrogativas essenciais do Estado-nação moderno. Tal visão será revelada na medida em que essa pesquisa concretize seu objetivo de demonstrar com fortes evidências empíricas que famílias xiitas originárias de Jabal Amil, no sul do Líbano,

estão diretamente associadas à formação de pelo menos três grupos que hoje se constituem como algumas das forças paraestatais mais poderosas do Oriente Médio: os movimentos Sadrista, Amal e Hezbollah. As redes transnacionais forjadas por tais movimentos vêm historicamente ajudando na mobilização e organização de suas atividades, promovendo mudanças, mas também impondo novos desafios para a região.

Esse artigo buscará sustentar o argumento de que existe uma correlação entre o ativismo histórico de famílias tradicionais xiitas originárias do sul do Líbano (amilis) e o processo de mobilização política de populações xiitas no Irã, Iraque e Líbano. Tal conexão é identificada quando se compreende que famílias amilis vêm historicamente gerando um corpo de importantes lideranças clericais espalhadas por esses países e que a atuação dessas lideranças está na gênese de fenômenos sociais e políticos transformadores do mundo xiita contemporâneo, particularmente os movimentos Sadrista, Amal e Hezbollah. Investigar esta complexa teia que molda as relações entre membros da comunidade xiita de Jabal Amil e seus correligionários em outras partes do Oriente Médio e observar a maneira como as conexões dessas influentes famílias xiitas transcendem as fronteiras nacionais é, pois, o objetivo central que guia as partes deste artigo.

PROBLEMATIZANDO AS ORIGENS DO TRANSNACIONALISMO XIITA CONTEMPORÂNEO

A revolução de 1979 no Irã e a constituição de uma República adjetivada como “Islâmica”¹ causaram uma mudança radical não só nos rumos do país, como também na maneira como o mundo passou a olhar para o xiismo. Tema até então marginalizado nos estudos sobre as relações internacionais do Oriente Médio, o xiismo começou a atrair a atenção de estudiosos preocupados em entender como essa mudança de regime

¹ Zubaida 1997, 103.

afetaria as dinâmicas políticas regionais, assim como a relação da nascente república com o restante do mundo, particularmente com os Estados Unidos, aliado e apoiador da dinastia Pahlevi (1925-1979). Enquanto o xá Reza Pahlevi era um entusiasta do secularismo e do que percebia como o modo ocidental de fazer política, o Aiatolá Khomeini era um líder religioso xiita que entendia que os preceitos do Islã deveriam orientar a política do país. A partir dessa visão de mundo, o Irã passou a propagar seus ideais revolucionários pela região, e encontrou ouvidos atentos junto às populações xiitas localizadas, majoritariamente, no próprio Irã (maior país xiita no mundo), no Iraque, Bahrein, Iêmen, Síria e Líbano. Esses desenvolvimentos pós-79, por mais importantes que sejam para a história dos movimentos xiitas contemporâneos,² não explicam a gênese dessas organizações, o que leva alguns estudiosos menos atentos a entender os movimentos Sadrista, Amal e, principalmente, o Hezbollah, como meros *proxies* iranianos.³ Contudo, ao lançar luz sobre a longa história das famílias *amilis*, em cuja trajetória se encontra a concepção de alguns dos mais significativos líderes xiitas da atualidade, como Muqtada al-Sadr e Musa al-Sadr, esse artigo reorienta a narrativa centrada nas *proxy-wars*, na qual o Irã dita os termos da resistência xiita, para uma centrada na construção de redes transnacionais, na qual o próprio entendimento do que significa resistir como minoria xiita é forjado no encontro com poderes nacionais, regionais e internacionais.

Tendo em vista o acima exposto, se problematiza o tema proposto: Como o ativismo político xiita se transnacionalizou no Oriente Médio? Note-se que essa é uma pergunta “constitutiva” e não “causal”, ou seja, ela busca compreender o fenômeno em questão e não explicá-lo. Nas palavras de Wendt: “A distinção entre explicação e compreensão não é entre explicação e descrição, mas entre explicações que respondem a

² Ver Shanahan 2013, Aziz 1993, Saad-Ghorayeb 2003, Al-Muhajir 1989, Louër 2008.

³ Ver Karmon 2009, Rubin 2009.

diferentes tipos de questões, causais e constitutivas”. Ou seja, “o que buscamos ao fazer essas perguntas é a compreensão do que representa/significa um dado fenômeno, e não por que esse fenômeno ocorre”.⁴ A hipótese que guia essa pesquisa é a de que o ativismo político xiita se transnacionalizou através de conexões estabelecidas no decorrer da história do Islã entre membros de famílias influentes da comunidade xiita libanesa de Jabal Amil e seus correligionários no Irã e no Iraque. Ao sustentar essa hipótese, esse artigo demonstra que a constituição de redes transnacionais xiitas antecede, em muito, a Revolução Iraniana e, portanto, suas motivações e capacidade de mobilização não podem ser automaticamente vinculadas ao suposto poder que o Irã exerce sobre esses movimentos, mas, sim, ao prestígio que seus clérigos mais influentes conquistaram junto às populações xiitas do Oriente Médio ao longo do tempo.

Para realizar tal objetivo, esse artigo se ancora na teoria Construtivista e no método de Análise de Redes Sociais (ARS). Essa estrutura teórico-metodológica permite a compreensão sociológica das dinâmicas entre os atores sociais (Estados, movimentos, partidos, comunidades, grupos e indivíduos), bem como possibilita analisar fenômenos sociais emergentes que não são identificáveis isoladamente. Tais fenômenos, produzidos a partir de interações complexas entre múltiplos fatores e agentes, demandam uma análise mais abrangente e interdisciplinar e a ARS cumpre essa função. A partir da utilização do método de ARS, esse artigo demonstrará o potencial de construção de laços sociais densos e extensos, assentados em bases identitárias. Na ARS, a identidade social (seja religiosa, étnica, cultural, etc.) assume importância central no estabelecimento e na organização das redes ao promover a cooperação e a solidariedade entre seus indivíduos-membros.⁵ Émile

⁴ Wendt 1998, 104-105.

⁵ Ver Silva; Fialho e Saragoça 2013; Wasserman e Faust 1998; Wellman e Berkowits 1988; Barnes 1987.

Durkheim⁶ já havia identificado que “os homens estão enredados em vastas redes de relações sociais”. Para Durkheim, o mundo como conhecemos é composto por “um número incalculável de redes que unem coisas e seres entre si” e, segundo ele, estas redes são conectadas por elementos que não são fixos e que estão sujeitos a transformações. Este conjunto de redes moldam suas respectivas sociedades através do compartilhamento de valores, normas e crenças. Essa é uma das bases comuns de compreensão do fenômeno da identidade dentro do Construtivismo nas Relações Internacionais, especialmente conforme o elaborado por Peter J. Katzenstein em *The Culture of National Security*,⁷ Michael Barnett em *Dialogues in Arab Politics*⁸ e Lisa Wedeen em *Ambiguities of Domination: Politics, Rhetoric, and Symbols in Contemporary Syria*.⁹ Como esse trabalho irá revelar, o pertencimento a uma histórica rede transnacional mobiliza, legítima e investe de poder as principais lideranças xiitas da contemporaneidade.

LOCALIZANDO A HISTÓRIA DE JABAL AMIL NA HISTÓRIA DO ISLÃ

De acordo com historiador libanês-britânico Albert Hourani, a história de Jabal Amil, ou “Monte Amil”, foi forjada na resistência recorrente contra invasores. Localizada no sul do Líbano, ao norte da Galiléia, essa região se caracteriza por ser uma área montanhosa e agrícola, com cidades e vilarejos espalhados ao longo de colinas. Intelectuais e líderes xiitas que tendiam a se reunir em territórios controlados por “poderes benevolentes”, como foi o caso das cidades-santuário da Mesopotâmia sob o domínio da dinastia Buída (945-1055), passaram a se reunir em Jabal Amil a partir do século XIII, fugindo

⁶ Durkheim (1912) 1983.

⁷ Katzenstein 1996.

⁸ Barnett 1988.

⁹ Wedeen 1999.

de perseguições. A região serviu como uma fortaleza para uma importante comunidade xiita que se manteve, por algum tempo, fora do jugo de potências sunitas como os mamelucos e os otomanos e, assim, pôde florescer.¹⁰

Entre os séculos XIV e XVI, Jabal Amil foi reconhecida como um renomado centro de aprendizado xiita e instituição de credenciamento, produzindo e influenciando centenas de teólogos que viveram ou se estabeleceram na Síria, Meca, Iraque, Pérsia e Índia. Famílias amilis (originárias de Jabal Amil) geraram clérigos e intelectuais cuja fama se espalhou por todo o mundo islâmico e xiita. Atribui-se a fundação da comunidade xiita de Jabal Amil a Abu Dharr al-Ghifari (590-653), companheiro do Profeta Mohamad e conhecido por ser a quarta ou quinta pessoa convertida ao Islã. Ele foi partidário de Ali Ibn Abi Taleb para a sucessão do califado após a morte do Profeta. Os escritos indicam que ele foi conduzido de Medina a Damasco por seu posicionamento crítico ao califa Uthman Ibn Affan (644-656) e, de lá, foi exilado para a área rural de Bilad al-Sham (Síria histórica).

Sabe-se que a sucessão do Profeta Mohamad é a questão central na primeira e maior cisão do Islã. Poucos meses antes de sua morte, o Profeta realizou um grande sermão denominado “O Evento de Ghadir Khumm”. O discurso é marcado por apresentar declarações de interpretação ambígua. Mesmo assim, aos ouvidos de parcela de seus seguidores, compreendeu-se que, após a sua morte, Ali Ibn Abi Taleb, primo e genro do Profeta, deveria sucedê-lo como líder da comunidade muçulmana.¹¹ Entretanto, após a morte do Profeta, um grupo de lideranças muçulmanas se mobilizou e jurou fidelidade a Abu Bakr al-Siddiq, companheiro e sogro do Profeta. Foi neste momento que se identificaram os primeiros muçulmanos xiitas, opositores do califado de Abu Bakr e partidários de Ali Ibn Abi

¹⁰ Hourani 1986; Louër 2008, 70.

¹¹ “De quem quer que eu seja *mawla*, Ali é seu *mawla*”. A palavra *mawla* possui diversas conotações em árabe; os seus significados variam de mestre e guardião a parceiro e amigo, levando assim a diferentes interpretações. Ver *A Shi'ite Encyclopedia* 2023.

Taleb. Posteriormente, Ali chegaria ao posto de califa, depois dos regimes de Abu Bakr, Omar Ibn al-Khattab e Uthman Ibn Affan, respectivamente. Ali é reconhecido como o quarto califa para os seguidores de Abu Bakr; por outro lado, é denominado de o primeiro e injustiçado califa por seus partidários, os quais são conhecidos até hoje como xiitas.¹²

Após um curto califado de seis anos, Ali Ibn Abi Taleb foi morto em 661. Seu assassinato iniciou uma nova disputa de poder, dessa vez entre Imam al-Hassan, filho de Ali, e Moáuia Ibn Abi Sufiane e seu filho Yazid Ibn Moáuia. O filho de Ali foi morto e Moáuia apontou Yazid, seu filho, como seu sucessor. Na percepção popular xiita, foi neste momento que a mais dura perseguição aos seus membros foi iniciada. Os partidários de Ali acusaram Moáuia e seus sucessores de reprimí-los violentamente como meio de manutenção de seu califado.¹³ Junto ao crescimento da comunidade de partidários de Ali, surgiram desentendimentos intra-xiitas sobre questões político-teológicas que acabaram por fragmentar essa nascente comunidade, ainda hoje minoritária dentro do Islã. Dentre as diferentes vertentes doutrinárias que surgiram por essa época, daquelas que sobreviveram ao tempo se destacam os Duodecimanos,¹⁴ aos quais pertencem a maioria dos xiitas libaneses, iranianos e iraquianos; os Zaydis; os Ismaelitas; e os Alauitas. Embora todos estes grupos concordassem que o califado deveria permanecer dentro dos laços consanguíneos da família do Profeta, ou seja, Ali, sua esposa Fátima e seus descendentes, e de não discordarem quanto à sucessão dos primeiros quatro imãs, Ali, seus filhos Hasan e Hussein, e seu neto, Zayn al-Abidin,¹⁵ eles passaram a divergir sobre várias outras questões a partir deste ponto.¹⁶

¹² Al-Tabatabaí 1997, 23-28.

¹³ Al-Tabatabaí 1997, 41-50.

¹⁴ Cerca de 200 milhões de fiéis seguem a corrente duodecimana do xiismo, o que representa cerca de 80% da comunidade xiita global. Ver Al-Hakeem 2015.

¹⁵ Halawi 1992, 22.

¹⁶ Ver Já'fari 2014 e Denny 2015.

Por muito tempo, os xiitas foram alvo de ataques e propagandas que questionavam sua identidade árabe e islâmica com a pretensão de deslegitimar as demandas e aspirações políticas desta população dentro do mundo árabe-muçulmano.¹⁷ Ao defenderem sua independência doutrinária diante da repressão histórica de omíadas, abbássidas e otomanos, esta comunidade desenvolveu a *taqiyya*, doutrina que autoriza os fiéis, em circunstâncias de insegurança, a ocultar sua filiação religiosa –em outras palavras, uma dissimulação preventiva. Em uma doutrina em que a prática do martírio desempenhava um papel central, a *taqiyya* era vista como a aplicação extrema do princípio da resistência passiva à opressão.¹⁸ Como será visto mais adiante, o princípio da *taqiyya* está no centro do debate do xiismo político contemporâneo.

Apesar da perseguição aos partidários de Ali, a tradição do aprendizado xiita continuou resistindo em pequenos vilarejos dos distritos rurais da Síria histórica e, particularmente, em Jabal Amil, onde estudiosos e eruditos xiitas de Aleppo e Damasco historicamente encontraram refúgio.¹⁹ Embora a região denominada de Jabal Amil já fosse povoada pela tribo Banu Amila, a qual se refugiou no atual sul do Líbano após a inundação de uma represa em Ma'rib (parte do atual Iêmen) em 200 a.C, essa tribo converteu-se ao xiismo logo após a chegada de Al-Ghifari, no século vi. À vista destes relatos históricos, há certo consenso de que o islamismo xiita se estabeleceu no atual Líbano durante o governo de Moáua I na Síria

¹⁷ Nessa pesquisa, considera-se o mundo árabe-muçulmano como constituído pelas diversas regiões do mundo onde o árabe é i) a principal língua de comunicação e/ou ii) a língua oficial do Estado (seja ele moderno ou pré-moderno), e onde o Islã é i) a religião professada pela maioria da população e/ou ii) a religião oficial do Estado (seja ele moderno ou pré-moderno). Para uma discussão detalhada sobre os termos “mundo árabe”, “mundo muçulmano”, “Oriente Médio” e “Mediterrâneo”. Ver Bilgin 2004, 25-41.

¹⁸ Halawi 1992, 22-24.

¹⁹ Hourani 1996, Al-Amili 1983.

(639-661).²⁰ Estudiosos xiitas como o sheikh Al-Hurr al-Amili afirmam que Jabal Amil é a mais antiga de todas as comunidades xiitas, apesar desta afirmação não ser unânime entre os historiadores islâmicos. O pesquisador Abdul-Haq al-Ani (2016) corrobora a ideia de que o xiismo em Jabal Amil é “tão antigo quanto o Islamismo de Bilad al-Sham” e reforça sua tese citando um trecho redigido pelo geógrafo árabe medieval Shams al-Din al-Maqdisi que descreveu a distribuição demográfica da região no século x nos seguintes termos: “O povo de Tiberíades (norte da Palestina), metade do povo de Qaddas (antigo vilarejo de Jabal Amil), metade das pessoas da cidade de Nablus e a maioria das pessoas de Amã eram xiitas”.²¹

JABAL AMIL, OS SAFÁVIDAS E O IRÃ

Fouad Ajami (1987), Ali Chuaib (1987) e Stefan Winter (2004) não hesitam ao afirmar que o momento mais crítico da comunidade xiita de Jabal Amil foi quando essa esteve sob o controle de Ahmed Pasha, o governante otomano de Sidon/Saida (1777-1804), popularmente conhecido como Al-Jazzar (‘O carniceiro’).²² Nas palavras do Barão de Tott, diplomata francês da época, Al-Jazzar foi um “leão solto contra a humanidade”. Al-Jazzar se notabilizou por aniquilar as tropas xiitas, destruir os povoados amilis, incendiar suas bibliotecas e seus estoques agrícolas. Um dos relatos mais impressionantes da obra de Fouad Ajami (1987) é sobre a quantidade de obras literárias saqueadas de Jabal Amil: “A produção de literatos e ulemás xiitas foi tão grande que os livros mantiveram os fornos de Acre funcionando por seis dias”.²³

O historiador Jaafar al-Muhajir lembra que a perseguição e as hostilidade do Império Otomano contra Jabal Amil

²⁰ Halawi 1992, 29-30.

²¹ Al-Ani 2016, 229.

²² Ajami 1987; Chuaib 1987; Winter 2004.

²³ Ajami 1987, 53.

se aprofundaram conforme a rivalidade com o Império Persa, especificamente com a Dinastia Safávida (1501-1722) se acentuava. Esta comunidade enfrentou diferentes formas de violência, perseguição e discriminação em territórios otomanos, e este certamente foi um fator que os influenciou diretamente a buscar melhores condições de vida na Pérsia convertida ao xiismo sob o domínio dos safávidas.²⁴ O clima hostil que perdurou cerca de dois séculos contribui para o declínio e eventual derrocada de Jabal Amil como um centro erudito de referência, resultado da massiva onda de emigração de seus estudiosos mais ativos.

Roschanack Shaery-Eisenlohr formulou uma lista com os nomes de 159 estudiosos *amilis* altamente qualificados que rumaram para o território persa com o objetivo de apoiar o império em sua estratégia de disseminar e estabelecer a doutrina xiita de forma rápida e eficaz.²⁵ Ao longo do século XVI, esses juristas e estudiosos ocuparam cargos de prestígio na corte e gozaram de grande respeito devido à sua reputação como representantes da tradição legalista xiita.²⁶ Os pesquisadores Jaafar al-Muhajir e Devin Stewart endossam o fato que os principais juristas da Dinastia Safávida durante os primeiros 120 anos foram todos *amilis* e estes detinham um monopólio virtual sobre a posição de *shaykh al-islam* ('jurista-chefe') de Isfahan (capital do império entre 1598 e 1736).²⁷

A partir de trabalhos biográficos xiitas, crônicas safávidas, documentos legais do império e pesquisas de estudiosos da região de Jabal Amil, Rula Abisaab aponta alguns dos clérigos *amilis* que lograram maior prestígio e influência no Império Safávida,²⁸ a saber: Al-Muhaqqiq al-Karaki (1534);²⁹ Abd al-Ali Ibn Ali al-Karaki (1585); Husayn Ibn Abd al-Samad al-Amili (1576); Husayn Ibn Hasan al-Karaki (1592); Baha

²⁴ Al-Muhajir 1989, 82.

²⁵ Shaery-Eisenlohr 2009.

²⁶ Shaery-Eisenlohr 2009, 127.

²⁷ Al-Muhajir 1989; Stewart 1996.

²⁸ Abisaab 2004

²⁹ Ano de falecimento.

al-Din Muhammad al-Amili (1621); Ahmad b. Zayn al-Abidin (1644); Lutfullah al-Maysi al-Amili (1622); Ali b. Mohamed b. al-Hasan b. Zayn al-Din al-Amili (1691), e Muhammad al-Hurr al-Amili (1699). Com exceção de Sayed³⁰ Ahmad Zayn al-Din, cuja contribuição ao império foi estritamente intelectual-acadêmica, todos os demais clérigos amilis supracitados mantiveram laços estreitos com a corte safávida e ocuparam cargos religiosos com diferentes graus de importância, tais como jurista-chefe (*shaykh al-islam*), juiz (*qadi*), instrutor teológico (*mudarris*), líder de oração (*imam jum'a*), atendente de santuário (*khadim, sadin*) e erudito ou poeta da corte, criando, assim, as principais ferramentas para a rotinização do domínio safávida.³¹ Arjomand afirma que originários de Jabal Amil predominaram durante os primeiros 140 anos do império Safávida, quando passam a ser gradualmente sobrepujados por procedentes do Bahrein, os quais se tornaram dominantes durante os últimos 50 anos do império.³² Já a partir dos reinados de Xá Safi (1629-1642) e Xá Abbas II (1642-1666), passou-se a constatar uma redução das convocações e o declínio do prestígio dos clérigos amilis no império. Mesmo assim, a existência de um Centro Cultural da República Islâmica do Irã, em Beirute, dedicado à divulgação das interações xiitas do século XVI entre Jabal Amil e a Pérsia safávida evidenciam a atualidade da força das redes xiitas transnacionais. Interessante observar que, a partir de uma reorganização da narrativa e da memória histórica, a Pérsia safávida transforma-se no atual Irã, e Jabal Amil é identificada com o sul do Líbano e, quando pertinente, com o Líbano em geral.³³

³⁰ Título concedido aos descendentes lineares e parentes do Profeta Moḥamad. Estes indivíduos formam uma categoria social distinta em muitas sociedades muçulmanas. Esse status especial pode lhes proporcionar um tratamento diferenciado em questões legais e na esfera política. Ver Kazuo 2012, 1.

³¹ Abisaab 2004, 3-4.

³² Arjomand 1985, 182.

³³ Shaery-Eisenlohr 2009, 162.

OS AMILIS NO IRAQUE

Muqtada al-Sadr foi considerado “o homem mais poderoso do Iraque” no período pós-queda de Saddam Hussein.³⁴ Muqtada é descendente da dinastia Al-Sadr, cuja linhagem remonta ao sétimo Imam dos xiitas, Musa al-Kadhim. Sua influência é crítica para a política iraquiana e regional, pois sua base popular representa um dos maiores movimentos islâmicos do Oriente Médio.³⁵ A compreensão abrangente do papel de Muqtada al-Sadr requer a análise de sua história familiar, que desempenhou um papel fundamental ao preparar Muqtada para assumir uma futura posição de liderança. A linhagem familiar de Muqtada al-Sadr tem sido significativa tanto em sua missão atual no Iraque quanto em suas empreitadas anteriores, uma vez que ele é descendente de duas figuras clericais xiitas iraquianas bastante influentes: o Grande Aiatolá³⁶ Mohamad Baqir al-Sadr (1931-1980) e o Grande Aiatolá Mohamad Sadiq al-Sadr (1943-1999).

Mohamad Baqir e Mohamad Sadiq contribuíram fundamentalmente para a mudança da conjuntura religiosa, social e política do Iraque por meio de seu ativismo e, principalmente, com a constituição de um movimento islâmico xiita popular. Ao descender dessas duas figuras respeitadas, Muqtada al-Sadr herda não apenas um legado familiar de proeminência religiosa, mas também uma conexão profunda com as tradições e os valores xiitas. Para Bayless, essa linhagem familiar provavelmente influencia sua missão atual no Iraque, bem como seus sucessos até agora, ao fornecer a ele uma base sólida de conhecimento, apoio e credibilidade dentro da comunidade xiita do país.³⁷ Os “Al-Sadr” iraquianos são um ramo da família amili Sharaf al-Din que, sem opção, se refugiaram em

³⁴ Mansour e Robin-D’Cruz 2022, 1-2.

³⁵ Mansour y Robin-D’Cruz 2022, 1-2.

³⁶ Título conferido aos mais proeminentes aiatolás xiitas que ostentam grande influência e são frequentemente seguidos por outros estudiosos. Ver Abisaab 2004.

³⁷ Bayless 2012.

territórios do atual Iraque devido às circunstâncias adversas experimentadas em Jabal Amil. Muitos intelectuais e lideranças sociais amilis buscaram amparo em regiões de cidades sagradas para esta comunidade religiosa, como Najaf e Karbala. Estes centros urbanos eram importantes destinos de ensino xiita e proporcionavam um ambiente mais seguro para a prática e disseminação do conhecimento religioso.

O ancestral de Muqtada, Sayed Salih Sharaf al-Din (1710-1802) partiu para o Iraque no final do século XVIII. Sayed Salih foi um estudioso de Jabal Amil perseguido por Al-Jazzar. Dois de seus filhos foram assassinados e ele mesmo foi condenado à morte pelo governante otomano. Salih teve sua casa queimada e chegou a ser preso, mas após uma fuga bem-sucedida, seguiu para a cidade santuário de Najaf, no Iraque, um centro acadêmico avançado para os estudiosos xiitas. Junto com ele, vieram seus dois filhos sobreviventes, Sadr al-Din e Mohamad Ali. A família Al-Sadr se ramificou no Iraque no Irã a partir destes dois descendentes (ver Imagem 1).

Já em território iraquiano, seu filho Sadr al-Din tornou-se um dos ulamas ('estudiosos religiosos') mais conhecidos do país. Em um período posterior, Sadr al-Din deixou Najaf e se estabeleceu em Isfahan dando origem a filial iraniana da linhagem Al-Sadr no final do século XIX. O filho de Sadr al-Din, Ismail (1842-1919), foi o primeiro da linhagem a nascer em território persa e a adotar o "Al-Sadr" como sobrenome. O título "Al-Sadr" foi atribuído à Ismail pelo *marjaa* ('referência religiosa') Mirza Hasan Shirazi com a intenção de distingui-lo de outro estudante de mesmo nome que também frequentava as aulas. Criado em Isfahan, Ismail retornou ao Iraque para dar prosseguimento aos seus estudos religiosos chegando ao posto de *marjaa* em importantes cidades como Samarra e Karbala. Ismail al-Sadr teve quatro filhos que deixaram importantes legados para a história da sociedade xiita contemporânea, são eles: Sayed Mohamad Mahdi Sadiq al-Sadr (1906-1986), avô de Muqtada e integrante da revolta iraquiana contra os britânicos em 1920; Sayed Sadr al-Din (1881-1954), pai de Musa al-Sadr; Sayed Mohamad Jawad; e Sayed

Haidar (1891-1937), pai do revolucionário iraquiano Mohamad Baqir al-Sadr.³⁸

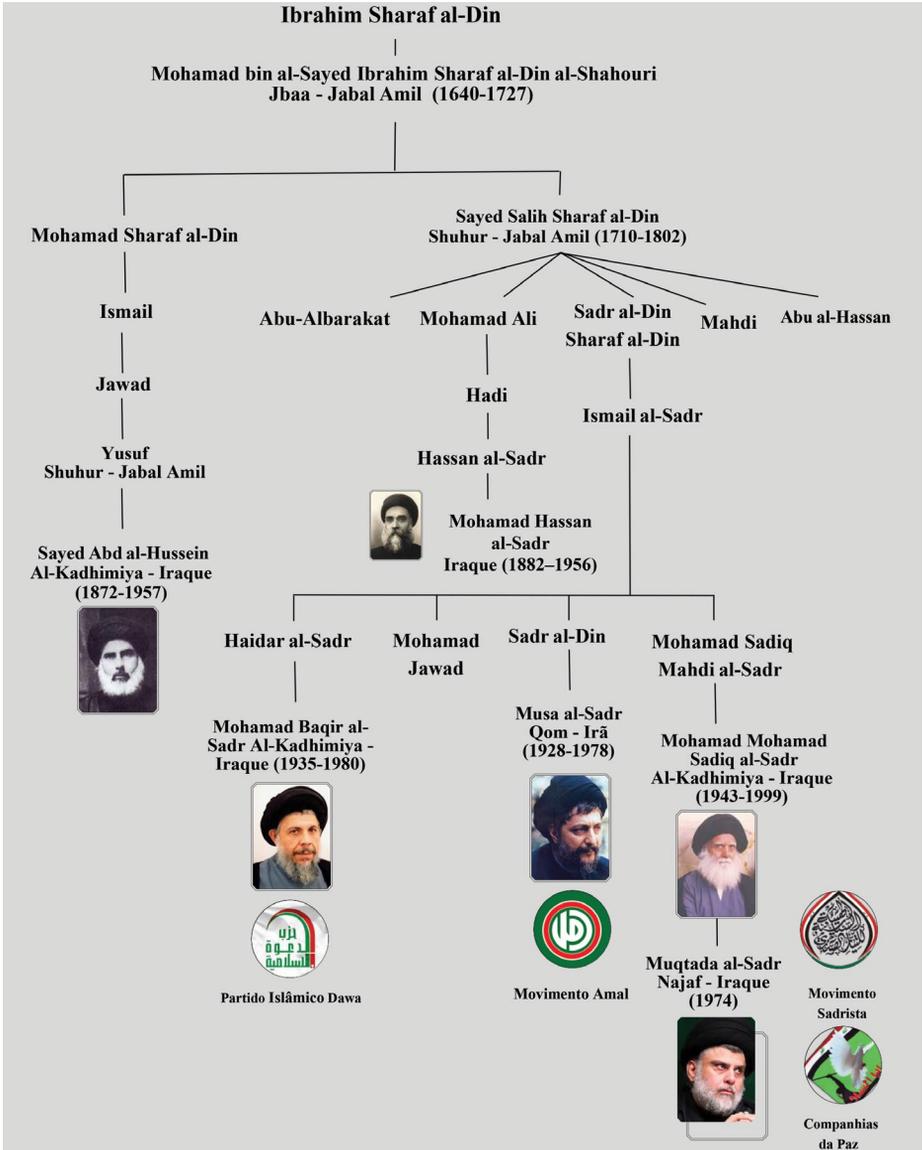
O Grande Aiatolá Mohamad Baqir al-Sadr (1935-1980), filho de Sayed Haidar, é considerado um dos mais proeminentes líderes políticos xiitas da história; suas ideologias inspiraram e mobilizaram milhões de seguidores e moldaram os princípios e a conduta de inúmeros líderes religiosos. Mohamad Baqir acreditava que a constituição de um movimento político islâmico forte era a única alternativa de contrapor o fenômeno secularista no Iraque. O principal produto desta proposta específica de conscientização e mobilização islâmica foi a constituição do Partido do al-Dawa al-Islamiya (o Partido do Chamado Islâmico), no ano de 1958, com a participação direta da classe clerical xiita iraquiana. Enquanto vivo, Sayed Mohamad Baqir al-Sadr exerceu a liderança espiritual e política do Al-Dawa e foi considerado por Saddam Hussein uma ameaça ao Estado-nação iraquiano. Seu engajamento com o Al-Dawa durou até o final da década de 1970, quando divergiu de seus colegas de partido sobre fundamentos ideológicos e métodos e estratégias adotados no campo político. O clérigo foi executado em abril de 1980 pelo regime de Saddam Hussein, junto com sua irmã, Amina Sadr Bint al-Huda.

É preciso enfatizar que, durante a década de 1970, o regime iraquiano e o Baath intensificaram seus esforços de inteligência, temendo a associação em massa de xiitas iraquianos com o movimento revolucionário no país vizinho, o Irã. Muitos xiitas foram expulsos do Iraque com suspeitas de conexões com os persas. Por sua vez, o Al-Dawa tornou-se uma saída, como uma fortaleza, onde os xiitas iraquianos conseguiam se organizar, geralmente de forma clandestina.

Mohamad Baqir al-Sadr tinha a convicção de que uma importante parcela dos xiitas no Iraque havia se desviado dos ensinamentos autênticos do xiismo. Com o intuito de “reorientar” aquela sociedade sobre as verdades essenciais da religião, Al-Sadr enfatizou a necessidade de se envolver em *ijtihad*

³⁸ Gharbich 1996, 140-142; Ajami 1987, 33.

IMAGEM 1 Árvore genealógica da família Sharaf al-Din



Fonte: elaboração própria.

(‘esforço de reflexão’) integrando ideias religiosas e políticas modernas, combinando fé e conhecimento acadêmico, aceitando inclusive estudantes que não pretendiam se tornar clérigos xiitas em suas aulas. Essa abordagem flexível permitiu que jovens xiitas se engajassem e adquirissem conhecimentos sobre o islamismo xiita, tanto em sua abordagem religiosa quanto política, sem o compromisso de exercerem a função de clérigos. Sem dúvidas, essa abordagem desempenhou um papel crucial no crescimento e na aderência ao Partido Al-Dawa. A abordagem de Al-Sadr consistia em mobilizar as massas em termos espirituais, intelectuais e políticos com o propósito, segundo ele, de habilitá-las para um estágio posterior de transformação do *statu quo*.³⁹ Seu programa de transformação não se limitava apenas ao Iraque, mas visava alcançar outras comunidades xiitas ao redor do mundo. Dessa forma, observou-se a estruturação de filiais do Al-Dawa no Líbano, Arábia Saudita, Kuwait e Bahrein, constituindo assim uma rede transnacional composta por diversos movimentos autônomos, mas interconectados, com estratégias políticas distintas adaptadas às características de seus respectivos ambientes domésticos.⁴⁰

O Islã político representava uma ameaça aos regimes da região devido ao seu apelo popular e à existência de organizações islâmicas que buscavam estabelecer Estados baseados nos princípios religiosos. Esses fenômenos islâmicos surgiram em quase todos os países do Oriente Médio e foram fundamentais na revolução iraniana e na disseminação de ideias revolucionárias islâmicas no Oriente Médio.⁴¹ Além de redigir o estatuto do Al-Dawa e definir o seu programa global de ação e organização, Mohamad Baqir al-Sadr é considerado por muitos um precursor das concepções de Khomeini no Irã, pois é sabido que suas obras inspiraram alguns dos princípios básicos da República Islâmica iraniana.⁴²

³⁹ Armajani y Schlude 2020, 103-104.

⁴⁰ Aziz 1993, 210.

⁴¹ Aziz 1993, 207.

⁴² Louër 2008, 84.

Durante seu período de estudos nos seminários de Najaf, o clérigo libanês Mohamad Hussein Fadlallah cultivou uma amizade com Sayed Mohamad Baqir al-Sadr e colaborou no estabelecimento do Al-Dawa Islâmico iraquiano. A estreita relação de Fadlallah com os líderes fundadores do Al-Dawa trouxe importantes contribuições intelectuais aos debates do conceito de *ativismo político islâmico*. Com base na mobilização iraquiana, Fadlallah retornou à terra natal de seus pais e liderou o estabelecimento (por volta de 1960) do Hezb Al-Dawa libanês, ou o Partido Islâmico Dawa no Líbano, em conjunto com clérigos que também estudaram em Najaf e que compartilhavam a visão de Mohamad Baqir al-Sadr de um Islã ressurgente. Outro resultado importante da conexão de Najaf/Al-Dawa e Jabal Amil é o clérigo xiita Mohamad Mahdi Shams al-Din, que embora nascido em Najaf desenvolveu as suas atividades no Líbano, para onde voltou com uma visão política fortemente influenciada por suas conexões no Iraque, em especial com Musa al-Sadr, Mohamad Baqir al-Sadr e Mohamad Baqir al-Hakim. Shams al-Din defendia o posicionamento de que os clérigos deveriam desempenhar um papel político ativo e, por isso, participou ativamente do Movimento dos Despossuídos e do Movimento Amal, auxiliando diretamente o líder desses movimentos, Musa al-Sadr. Após o desaparecimento de Imam Musa, Shams al-Din ocupou a presidência do Supremo Conselho Xiita do Líbano (1978-2001). Rodger Shanahan⁴³ sublinha a magnitude deste fenômeno uma vez que vários dos fundadores do Hezbollah e integrantes do Movimento Amal foram membros do Hezb Al-Dawa no Líbano. A filial libanesa do partido se dissolveu em 1980, após a execução de Mohamad Baqir. Os ditos de Mohamad Baqir al-Sadr, progenitor do movimento político-religioso xiita cujos seguidores ficaram conhecidos como sadristas, ainda hoje inspiram iraquianos frustrados com os rumos políticos do país.

Com sua morte, em 1980, seu primo e aluno, o Grande Aiatolá Mohamad Mohamad Sadiq al-Sadr, prontamente assumiu

⁴³ Shanahan 2013.

o legado político e social de Mohamad Baqir e tornou-se um adversário perigoso de Saddam Hussein. Mohamad Mohamad Sadiq al-Sadr se destacou ao se posicionar contrário ao princípio da *taqiyya* (‘dissimulação e ocultação’) ao lidar com Saddam Hussein. O clérigo defendeu que era papel dos líderes religiosos xiitas se levantarem de forma pública e ativa contra Hussein. Certamente, o comportamento ostensivo de Mohamad Mohamad Sadiq al-Sadr preocupou o regime iraquiano e Saddam Hussein percebeu que se a maioria xiita iraquiana se engajasse no movimento, o Partido Baath seria afetado.⁴⁴ Assim, em 19 de fevereiro de 1999, conforme obituário escrito pelo jornalista Michael Wood para o jornal britânico *The Guardian*: “o Aiatolá Sayyid Muhammad al-Sadr, líder da comunidade xiita iraquiana, [foi] assassinado em Najaf, a cidade sagrada no sul do Iraque, aos 55 anos, [ele] pertencia a uma famosa e honrosa linhagem de estudiosos cujos ancestrais migraram do Líbano para o Iraque durante o século XVII”.⁴⁵ A execução levou a distúrbios e levantes armados no sul do Iraque e no antigo distrito de Bagdá “Madinat Saddam” (Cidade de Saddam). Os apoiadores do clérigo denunciaram energicamente o envolvimento do regime no assassinato. Após a queda do regime baathista, o distrito foi rebatizado de “Madinat al-Sadr” (Cidade de al-Sadr) em homenagem a Mohamad Mohamad Sadiq al-Sadr. Com o assassinato de seu pai e de seus irmãos, Muqtada al-Sadr permaneceu como o único herdeiro com a disposição e com as habilidades necessárias para guiar o movimento político concebido por seu pai e para administrar uma ampla rede de instituições como mesquitas, escolas e centros de assistência social. Isso lhe fez ser imediatamente percebido como potencial ameaça pelo regime iraquiano, que o manteve em prisão domiciliar por aproximadamente dois anos. O clérigo foi libertado apenas com a derrubada de Saddam Hussein pelas forças americanas em 2003.⁴⁶

⁴⁴ Bayless, 2012, 136-140.

⁴⁵ Wood 1999.

⁴⁶ Bayless 2012, 141.

A estrutura e o aparato organizacional do atual Movimento Sadrista fazem dele único, visto que Muqtada al-Sadr constituiu uma extensa e capilarizada rede de escritórios e representações, os quais estão envolvidos na coordenação das atividades lideradas por Al-Sadr, como comícios, protestos, programas sociais, serviços comunitários e apoio aos seguidores. O “Escritório de al-Sadr”, como é conhecida essa ampla rede, também desempenha um papel na tomada de decisões políticas e no engajamento com outros movimentos, facções e partidos políticos. No campo militar, Muqtada al-Sadr consolidou o “Jaysh al-Mahdi” (Exército al-Mahdi), em 2003. O Jaysh al-Mahdi se estruturou em meio ao vácuo de poder e a desordem pública resultado da desestabilização política causada pela invasão das forças americanas em 2003 e pela captura de Saddam Hussein. Em um curto prazo, os soldados de Al-Mahdi conquistaram a reputação de serem um dos grupos armados mais perigosos do Iraque.⁴⁷ Muqtada al-Sadr reivindica legitimidade religiosa por referência a seu pai e sua proeminente linhagem de clérigos.

Em um primeiro momento, uma parcela significativa da comunidade xiita percebeu a invasão americana como uma oportunidade de derrubar seu opressor, Saddam Hussein, e de realizar um processo de “desbaathificação” do governo. No entanto, as opiniões favoráveis às Forças da Coalizão logo se transformaram em negativas, visto que, na percepção geral daquela sociedade, as forças potencialmente “libertadoras” logo se transformaram em invasoras. Como seus ancestrais, Muqtada al-Sadr denunciou a ocupação de seu país e seguiu um posicionamento público de ativismo e enfrentamento. Inicialmente, Al-Sadr buscou dialogar e protestar pacificamente, entretanto, como não houve sinal de reconhecimento do valor social e político de seu movimento no novo arranjo institucional do país, o clérigo recorreu a estratégias de confrontação por meio de métodos violentos que envolviam o emprego de material bélico e táticas militares.⁴⁸

⁴⁷ Bayless 2012, 136.

⁴⁸ Bayless 2012, 144.

Outro importante embate interno na dinâmica política iraquiana é a rivalidade intra-xiita entre o Movimento Sadrista, o Supremo Conselho Islâmico Iraquiano (SIIC, por sua sigla em inglês) e o Al-Dawa. Mesmo que os três movimentos tenham origens e lideranças históricas comuns, assim como se constituem tendo como base popular primordial a comunidade xiita iraquiana, eles divergem tanto no campo ideológico como no político. Tal realidade pôde ser observada durante o governo de Nouri al-Maliki (2006-2014) e a ascensão do Movimento Sadrista sob o comando de Muqtada al-Sadr, quando houveram momentos de tensão e confronto, especialmente em relação a questões políticas e militares internas, como nos massivos protestos de 2012 organizados pelo Movimento Sadrista na cidade de Basra dirigidos contra o governo de Al-Maliki.⁴⁹ No entanto, também houve períodos de cooperação e negociação entre as três entidades, buscando objetivos comuns dentro do contexto político iraquiano.

Por exemplo, após a queda de Mosul, os três atores cooperaram para formar as Forças de Mobilização Popular (Al-Hashd Al-Sha'bi) em 2014 para atuarem de forma coordenada contra o ISIS (Estado Islâmico do Iraque e da Síria Histórica) no Iraque.⁵⁰ Talvez a maior diferença entre estes movimentos seja que os sadristas adotam uma abordagem mais populista e nacionalista em relação à política iraquiana, enquanto o Supremo Conselho e o Al-Dawa mantêm relações estreitas com os revolucionários iranianos. Na prática, é possível argumentar que o SIIC foi cooptado pelo governo iraniano. Norteadado por uma posição nacionalista, Al-Sadr busca manter uma independência em relação ao Irã, evitando assim ao máximo qualquer influência externa em seu movimento e em suas decisões.⁵¹

O SIIC, um dos principais atores políticos xiitas do Iraque, foi fundado em 1983 pelo Aiatolá Sayed Mohamad Baqir

⁴⁹ Naumann 2012.

⁵⁰ Al-Aloosy 2023.

⁵¹ Bayless 2012, 146.

al-Hakim. A família Al-Hakim também tem origem em Jabal Amil, no sul do Líbano. Sayed Mohamad Baqir é filho de Fawzieh Hassan Bazzi, irmã do ex-deputado libanês Hashem al-Hakim. Além disso, o clérigo é primo do Aiatolá Mohamad Hussein Fadlallah, filho de Raoufa Hassan Bazzi. A família Bazzi é oriunda de um dos centros mais importantes de Jabal Amil, a cidade de Bint Jbeil. Por fim, o irmão de Mohamad Baqir al-Hakim é Abdulaziz al-Hakim, o qual liderou o Supremo Conselho Islâmico Iraquiano de 2003 até 2009. Em paralelo ao SIIC, os irmãos chefiaram a Organização Badr, atualmente uma entidade política independente do SIIC, com uma ala militar expressiva com milhares de combatentes.⁵²

A partir de 2007, Muqtada al-Sadr iniciou um processo de contração do Exército al-Mahdi, buscando uma abordagem mais política e social para o movimento. Este processo resultou na fragmentação do Exército al-Mahdi em diversas facções, as quais passaram a estruturar seus próprios corpos militares como o Asa'ib Ahl al-Haq e a "Brigada do Dia Seguinte". Estes novos grupos mantêm laços com o movimento sadrista, mas operam de forma mais independente. De forma geral, o movimento sadrista acaba sendo um grande guarda-chuva de grupos militares xiitas partidários do sadrismo. No auge do conflito contra o Daesh, ou ISIS, Muqtada anunciou a formação das Companhias da Paz (Saraya al-Salam) em 2014, como um renascimento do Exército al-Mahdi, tendo o objetivo de proteger os santuários xiitas e participar das operações ofensivas das Forças de Mobilização Popular pertencentes aos Ministérios do Interior iraquiano Hoje, assim como outros grupos armados, as Companhias da Paz estão integradas à economia política do Estado iraquiano.⁵³ Após a derrota do ISIS no Iraque, o Movimento Sadrista passou a se concentrar cada vez mais em atividades políticas e sociais, buscando influenciar os rumos do governo e das reformas no país. Seus membros conquistaram assentos no Parlamento e passaram a ocupar

⁵² Bazzi 2004.

⁵³ Mansour e Robin-D'Cruz 2022, 7.

cargos ministeriais em vários governos, o que coloca o movimento dentro do processo de tomada de decisão em relação à alocação de recursos econômicos, de contratos governamentais, e de cargos públicos.⁵⁴

O tio paterno de Mohamad Baqir e Mohamad Mohamad Sadiq, o Aiatolá Sadr al-Din al-Sadr, cruzou a fronteira para o Irã em meados da década de 1920 onde se estabeleceu em Coração (Khurasan em persa) e finalmente fixou residência em Qom. Sayed Sadr al-Din al-Sadr é considerado uma figura basilar das madrassas, os seminários religiosos de Qom, uma das maiores cidades do Irã contemporâneo. Foi nesta cidade que nasceu, em 1928, Sayed Musa al-Sadr, filho de Sadr al-Din, considerado por muitos o líder intelectual da mobilização contemporânea xiita libanesa.

A FORÇA AMILI NO LÍBANO

Notadamente, os descendentes dos perseguidos Salih e Mohamad Sharaf al-Din do século XVIII, espalhados pelo Irã e Iraque, mantiveram vivas suas conexões com a terra de seus ancestrais, no sul do Líbano. A rede transnacional da família Sharaf al-Din e seu ramo Al-Sadr participaram ativamente em revoltas e mobilizações sociais no território dos cedros, em especial nas figuras de Sayed Abd al-Hussein Sharaf al-Din (1872-1957) e Sayed Musa al-Sadr (1928-1978).

O clérigo Abd al-Hussein Sharaf al-Din, nascido em Al-Khadhimiya, atual Iraque, em 1872, foi o principal líder xiita da resistência não-violenta amili contra as ambições francesas em Jabil Amil. Poucos meses antes do anúncio oficial do General Gouraud que decretou a criação do Grande Líbano (1920), Sharaf al-Din conduziu uma delegação xiita até Damasco para defender a unidade do território. Como retaliação ao seu ativismo, sua casa em Tiro foi saqueada por soldados franceses e seus livros e manuscritos foram confiscados.

⁵⁴ Mansour y Robin-D’Cruz 2022, 9.

Jabal Amil e sua comunidade xiita pouco figuram na historiografia do Líbano moderno, a qual geralmente é apresentada como uma luta constante entre os cristãos maronitas e drusos pela ascendência política, ignorando outros agrupamentos sócio-religiosos. Ser amili, ou cidadão de Jabal Amil, nem sempre foi sinônimo de ser libanês, e os desenvolvimentos internos de Jabal Amil foram em grande medida desassociados das circunstâncias que levaram à formação do Estado-nação libanês. Isso indica que muito precisa ser reunido a partir das fontes disponíveis para corrigir o estado de esquecimento relegado às comunidades xiitas sírio-libanesas.

A anexação forçada de Jabal Amil ao Grande Líbano influenciou drasticamente no relacionamento histórico dos amilis com a Palestina, importante destino das mercadorias da montanha. A troca de bens econômicos se deteriorou durante o período entre as duas guerras e foi totalmente interrompido após o estabelecimento do Estado de Israel.⁵⁵ Taqiel-Din lembra que, em geral, a população de Jabal Amil conhecia melhor a cidade portuária de Haifa, ao norte da Palestina, do que Beirute –um território em que a cédula de libra palestina circulava mais do que a libra libanesa, e assim predominou até 1952.⁵⁶

A família Sharaf al-Din figura de forma ativa no processo de revivalismo da identidade xiita no Líbano, muito antes da concepção de movimentos ativistas contemporâneos como o Movimento Amal e o Hezbollah. Em uma de suas viagens ao Irã em meados dos anos 1930, Abd al-Hussein Sharaf al-Din conheceu Imam Musa al-Sadr. Após conhecer o jovem Musa al-Sadr, Sharaf al-Din convidou-o, no ano de 1955, para conhecer as origens de sua família (Al-Sadr) no Líbano, com o objetivo do despertar o interesse de Musa pelo país. Após a morte do proeminente clérigo de Tiro, como era conhecido Abd al-Hussein Sharaf al-Din, seu filho mais velho, Jaafar, enviou uma carta ao Imam Musa al-Sadr no Irã, convidando-o

⁵⁵ Baydoun 1979, 116.

⁵⁶ Taqiel-Din 1979, 139.

para assumir o posto de guia espiritual da sociedade local e a administração das entidades sociais concebidas por seu pai, como é o caso da Sociedade Benevolente (Jamiyat al-Bir wa al-Ihsan) de Tiro, fundada em 1948.⁵⁷

Já a partir da década de 1960, Imam Musa al-Sadr passa a ser reconhecido como o grande revolucionário da mobilização política e social xiita no Líbano. O clérigo articulou a fundação do Supremo Conselho Islâmico Xiita (1967), do Movimento dos Deserdados (1974) e do Movimento Amal (1974). Por meio destas e outras instituições, e em virtude de sua sagaz articulação política, ele introduziu as pautas daquela comunidade marginalizada nos espaços decisórios da política libanesa. Após seu desaparecimento em 1978, os sucessores de Al-Sadr capitalizaram essas instituições e se tornaram atores-chave na política libanesa, o que perdura até os dias de hoje.

Outro importante feito de Musa al-Sadr foi atender, em 1973, ao pedido do então presidente sírio, Hafez al-Assad, de emitir uma *fatwa* ('decreto religioso') reconhecendo os muçulmanos Alawitas como membros de uma corrente legítima do xiismo. Os Alawitas eram constantemente acusados de paganismo, principalmente pela Irmandade Muçulmana, os maiores oponentes do movimento secularista Baath sírio. Além da ferrenha oposição de movimentos sunitas conservadores, outra questão legal era de que o presidente sírio precisava ser muçulmano.⁵⁸

Muitos dos líderes que constituíram o Hezbollah foram membros da filial libanesa do Al-Dawa, como Naim Qassim, atual (2024) vice-secretário do Hezbollah; Subhi al-Tufayli, primeiro secretário-geral do Hezbollah (1989-1991); Mohammad Raad, membro do parlamento libanês pelo Hezbollah (1992, 1996, 2000, 2005, 2009, 2018); Mustafa Badreddine, ex-Chefe do Estado-Maior do Hezbollah (1982-2016); Imad Fayez Mughniyeh, ativista da filial libanesa do Al-Dawa e ex-chefe de operações externas do Hezbollah (1982-2008), e

⁵⁷ Gharbieh 1996, 143.

⁵⁸ Louër 2008, 197.

claro, como mencionado anteriormente, o proeminente clérigo Mohamad Hussein Fadlallah, o qual liderou o Al-Dawa no Líbano entre os anos de 1960 e 1984. Cabe enfatizar que Abbas al-Musawi, co-fundador e ex-secretário geral do Hezbollah (1991-1992) frequentou as aulas de Mohamad Baqir al-Sadr em Najaf e foi profundamente influenciado por ele. O legado do Partido Al-Dawa foi e continua sendo uma forte influência na ideologia, direção e estrutura organizacional do Hezbollah.⁵⁹ Apesar de não ter se vinculado institucionalmente ao Al-Dawa, o Sheikh Mohammad Yazbek, atual (2024) presidente do Conselho Religioso do Hezbollah, também frequentou os seminários de Mohamad Baqir no Iraque e assimilou suas ideias. Yazbek, junto com Abbas al-Musawi e Subhi al-Tufayli, são apontados como os fundados do Hezbollah. Como visto, o fenômeno social conhecido por Hezbollah é o produto final de uma constelação de outros grupos e movimentos, os quais estão, de alguma forma ou de outra, vinculados às redes transnacionais construídas ao longo dos séculos por descendentes de famílias xiitas originárias de Jabal Amil.

O Hezbollah conta com a legitimidade do Estado no Líbano, na medida em que se constitui como uma organização política e militar que participa ativamente da vida política do país, tem representação no parlamento libanês, ministros no governo e opera dentro e fora da estrutura estatal, atuando de forma híbrida. Inúmeras declarações presidenciais e ministeriais consagraram o direito excepcional do Hezbollah de possuir e usar armas em nome da defesa e da resistência nacional. De maneira ainda mais efetiva e disseminada do que o Movimento Amal, o Hezbollah construiu espaços alternativos ao Estado, operando como um Estado à parte dentro do Estado libanês. No interior destes “bolsões”, o grupo estabelece uma vasta rede de escolas, mesquitas, hospitais, centros de serviço social, estrutura de comunicação e de defesa civil, tudo organizado de forma independente do Estado central libanês. Os territórios geridos pelo Hezbollah tornaram-se,

⁵⁹ Saouli 2014, 97-116.

com o tempo, um refúgio para trabalhadores mal pagos, desempregados e ilegais.⁶⁰

O Hezbollah e o Movimento Amal também mantêm influência na administração de municípios do Líbano. Nos subúrbios ao sul de Beirute, caracterizados por serem as áreas mais carentes da capital, o Hezbollah e o Amal cultivam relações estreitas com os administradores públicos. Estes dois grupos auxiliaram na constituição da União dos Municípios dos Subúrbios do Sul de Beirute, o qual capta e administra seus próprios recursos para a realização de projetos que envolvem assistência social, manutenção de infraestrutura, iluminação pública, recapeamento asfáltico, etc.⁶¹ Ambos os movimentos têm quase a totalidade dos votos da comunidade xiitas libanesa, acumulando importantes cargos no parlamento, no gabinete da presidência e nos ministérios.

Para além do cenário doméstico, é possível observar que os movimentos xiitas libaneses e seus braços militares exercem influência direta ou indireta em diferentes dinâmicas políticas, crises e conflitos no Oriente Médio. A simples presença destes movimentos armados em Jabal Amil aumenta o nível de mobilização israelense. Israel mantém uma vigilância constante sobre as atividades na região, realiza operações de inteligência, monitora rotas de suprimento e busca neutralizar qualquer tipo de potencial ameaça. Assim, as atividades do Amal e, principalmente, do Hezbollah, ganham atenção especial no que se refere à política nacional de defesa israelense, particularmente nos distritos do Norte e de Haifa. Além disso, é preciso destacar o papel de Jabal Amil e dos xiitas libaneses na resiliência dos grupos militares palestinos. O Hezbollah, por exemplo, mantém uma longa relação de cooperação política e militar com o Hamas. O movimento libanês ofereceu treinamento militar aos combatentes palestinos, aconselhou politicamente na tomada de decisões, e ofereceu toda sua estrutura de comunicação para apoiar e fortalecer a resistência

⁶⁰ Salamey e Pearson 2007, 422.

⁶¹ Khatib 2021, 2.

palestina. A cooperação ativa se reflete na residência de diferentes autoridades políticas do Hamas nos subúrbios de Beirute, núcleo social dos xiitas da capital libanesa. No que se refere à questão palestina, convêm lembrar que Jabal Amil recebeu milhares de guerrilheiros palestinos na década de 1970 após os conflitos sangrentos na Jordânia.⁶² Mais recentemente (2023-atual), os dois grandes atores da sociedade xiita libanesa, Hezbollah e Amal, mobilizam seu aparato político, social e militar ao longo da fronteira Sul após os episódios de 7 de outubro de 2024 evidenciando o engajamento coordenado destes atores com um conjunto de agentes transnacionais na Palestina, Síria, Iraque, Iêmen e Irã.⁶³

O Hezbollah tem estado envolvido diretamente no conflito Sírio e protagonizou importantes combates naquele território, como as batalhas de Qusayr (maio-junho de 2013); Aleppo (2013-2016); Al-Qalamoun (2013-2014); Rankous (2014) e Zabadani (2015). Milhares de combatentes do Hezbollah se posicionaram ao lado das forças do governo sírio desde o início da guerra civil, em 2011, desempenhando um papel significativo na defesa do regime. Sua intervenção direta no país vizinho, em colaboração com combatentes russos e iranianos, foi fundamental para garantir a sobrevivência do regime em momentos críticos do conflito. Na perspectiva do pesquisador Massaab al-Aloosy,⁶⁴ a derrota de Bashar al-Assad na Síria seria um duro golpe na luta árabe pela Palestina, já que o território sírio se constitui como um importante eixo logístico e político da resistência. Oficialmente, o movimento xiita justificou sua intervenção na guerra civil síria como uma medida extrema para proteger tanto as fronteiras libanesas ameaçadas pelo ISIS como as comunidades xiitas que vivem na Síria, assim como garantir que o governo sírio não caia nas mãos de grupos sunitas extremistas. Para Al-Aloosy, essa projeção do Hezbollah para além das fronteiras libaneses aumentou

⁶² Koss 2018, 3.

⁶³ Abouzeid 2023.

⁶⁴ Al-Aloosy 2020, 13.

de forma acentuado após dois importantes fenômenos na região: a invasão do Iraque em 2003 e o início da chamada Primavera Árabe, em 2011.

Outro conflito contemporâneo de grande proporção regional no qual o Hezbollah tem influenciado de alguma forma é o do Iêmen. Com décadas acumuladas de expertise em empregar estratégias de guerrilha frente ao exército regular israelense, o Hezbollah colaborou com seus correligionários do Ansar Allah, popularmente conhecidos como Houthis (em referência ao nome de seu fundador Hussein Badreddin al-Houthi), um ramo do islamismo xiita zaidita.⁶⁵ Poucos duvidam hoje que a assistência intelectual e técnica do Hezbollah e o maciço apoio iraniano é o que tem permitido aos Houthis resistir à intervenção militar da coalizão árabe liderada pela Arábia Saudita.

No entanto, cabe insistir que a influência e o papel do Hezbollah não se limitam apenas ao campo militar. Como visto, no campo político, o Hezbollah tem um papel de destaque no Líbano, onde possui assentos no parlamento e é parte do governo do país. Em assuntos externos, o movimento também vem participando de várias negociações e diálogos internacionais relacionados à Síria. A rede política do Hezbollah também se estende aos países do Golfo, servindo como fonte de inspiração e um modelo de *modus operandi*. Na região do Golfo, Laurence Louër⁶⁶ aponta que é no Bahrein que a presença do Hezbollah é mais evidente, onde indivíduos não hesitam em ostentar a bandeira amarela do Hezbollah libanês durante manifestações populares contra a monarquia. Os simpatizantes do movimento libanês no Bahrein, em grande parte, costumavam ser membros bem conhecidos do Al-Dawa iraquiano. Na Arábia Saudita, o movimento do “Hezbollah al-Hejaz” vive na clandestinidade, e a maioria de seus membros, na prisão. O grupo denuncia a ilegitimidade da família Al-Saud, os considerando meros ocupantes da terra sagrada do Hejaz, onde se

⁶⁵ Almahfali e Root, 2020.

⁶⁶ Louër 2008, 205.

localizam as duas cidades sagradas do Islã, Meca e Medina.⁶⁷ Em 2014, o movimento foi oficialmente designado como organização terrorista pelo reino saudita. Já no Iraque, o Kataib Hezbollah (Brigadas do Partido de Deus) opera com algum grau de cooperação e coordenação com os libaneses, pois compartilham objetivos comuns, como a resistência contra Israel e a promoção dos interesses xiitas na região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunidade xiita libanesa centrada em Jabal Amil costuma ocupar as margens dos grandes debates geopolíticos do Oriente Médio e, em muitos casos, essa comunidade é resumida a um simples *proxy* ('ator procurador') de uma grande potência regional (o Irã) ignorando totalmente sua própria história política e social, seus interesses e sua rica contribuição para a mobilização xiita contemporânea no Irã, no Iraque e, principalmente, no Líbano. As ligações transnacionais estabelecidas por e entre as famílias tradicionais amilis com os xiitas iraquianos e iranianos são antigas, profundas e significativas e, ainda assim, pouco exploradas e pouco compreendidas. Investigar esta complexa teia que molda as relações entre membros da comunidade xiita de Jabal Amil e seus correligionários em outras partes da região e observar a maneira como as conexões de famílias influentes transcendem as fronteiras nacionais foi o objetivo central desse artigo.

Dentre estas conexões transnacionais, foi possível destacar famílias tradicionais *amilis* que fizeram parte desta rede com importantes contribuições políticas, sociais e jurídicas como os Sharaf al-Din (al-Sadr), Fadlallah, Shams al-Din, al-Amine e al-Hakim. Como resultado da migração forçada devido à perseguição otomana e francesa, muitos dos proeminentes líderes e clérigos amilis nasceram em território iraquiano ou ali se refugiaram. Da mesma forma, estudiosos amilis buscaram

⁶⁷ Louër 2008, 209.

o Iraque para dar prosseguimento aos seus estudos em centros urbanos de destino acadêmico e religioso, como a cidade de Najaf. Os longos períodos de permanência destes indivíduos no Iraque explicam em parte a profundidade do processo de construção destas redes transnacionais, apesar da distância geográfica. Os exemplos são abundantes e incluem, como visto, as figuras de Mohamad Mahdi Shams al-Din, Mohamad Hussein Fadlallah e Abd al-Husayn Sharaf al-Din al-Musawi, produtos desta rede, pois foram gerados quando seus pais migraram para Najaf para dar prosseguimento aos seus estudos em *hawzas*⁶⁸ (seminários) locais e, ali, tiveram seus filhos no mesmo período. Enquanto alguns optaram por voltar ao Líbano, outros permaneceram no Iraque ou mesmo migraram para o Irã. O fato é que muitos destes indivíduos obtiveram sucesso em suas jornadas e ocuparam cargos e desempenharam funções estratégicas de grande influência. Estas redes ainda estão vivas, pois as relações interpessoais destas famílias fornecem uma infraestrutura de comunicação, integração, apoio mútuo e intercâmbio de pessoas.⁶⁹

Esses laços históricos, políticos e religiosos vivos –atuais e atuantes– que conectam os fenômenos Sadrista, Amal e Hezbollah, além de outros movimentos paraestatais espalhados pelo Oriente Médio, sejam eles xiitas, como os Houthis no Iêmen, ou sunitas, como o Hamas na Palestina, constituem-se em verdadeiras redes de resistência às prerrogativas do Estado-nação-moderno, particularmente conforme constituído no mundo árabe-islâmico. Ali, a artificialidade das fronteiras nacionais e dos aparatos estatais criados pelos séculos de colonialismo europeu são constantemente desafiados por redes sociais centradas em famílias e comunidades religiosas, cujo poder da tradição geram e sustentam lideranças políticas que confrontam as normas estabelecidas pela sociedade internacional, centrada em valores europeus que se pretendem universais. Esses grupos constituem-se hoje em fenômenos

⁶⁸ Al-Islam 2023.

⁶⁹ Louër 2008, 258.

sociais, políticos e militares capazes de influenciar a segurança interna de seus países e de modificar os rumos dos conflitos regionais no Oriente Médio, tornando-os atores-chave na busca pelo equilíbrio de poder, estabilidade e paz nas relações internacionais.

A disposição ideológica dos movimentos xiitas do Sul do Líbano mobiliza atualmente (2024) mais de 120 000 soldados israelenses na frente norte, juntamente com uma parte substancial de suas capacidades aéreas e marítimas. O êxodo de mais de 200 000 civis israelenses da Alta Galileia acrescenta uma camada adicional de impacto, não apenas econômico e social, mas também político, intensificando a pressão sobre o governo israelense. Ao manter as Forças Israelenses mobilizadas no Norte, o Hezbollah e o Amal impediram que Israel concentrasse todas as suas forças em Gaza, frustrando planos de uma resolução rápida e decisiva do conflito. Hassan Nasrallah, Secretário-Geral do Hezbollah, reforça a magnitude estratégica de Jabal Amil para persuadir o governo israelense: “Se se quer calma no Norte, a guerra em Gaza tem de parar”.⁷⁰

BIBLIOGRAFIA

- A Shi'ite Encyclopedia. 2023. Ghadir Khum Part 2: The Meaning Wali, Mawla, and Wilayah. Al-Islam.org. <https://www.al-islam.org/shiite-encyclopedia/ghadir-khum-part-2> (consulta del 3 de diciembre de 2024).
- ABISAAB, Rula Jurdi. 2004. “Converting Persia: Religion and Power in the Safavid Empire”. London-New York: *Tauris*. <https://doi.org/10.1017/S0021086200021666>
- ABOUZEID, Rania. 2023. “The Simmering Lebanese Front in Israel’s War”. *The New Yorker*, 21 de outubro de 2023. <https://www.newyorker.com/news/dispatch/the-simmering-lebanese-front-in-israels-war>

⁷⁰ “ Hamas negotiates on...” 2024.

- AJAMI, Fuad. 1987. *The Vanished Imam: Musa al Sadr and the Shia of Lebanon*. Ithaca: Cornell University Press.
- AL-ALOOSY, Mossaab. 2020. *The Changing Ideology of Hezbollah*. New York: Springer International Publishing.
- AL-ALOOSY, Massaab. 2023. “Ruling Without Responsibility: Badr Organisation, Asa‘ib Ahl al-Haq, and Kata‘ib Hezbollah After Defeating ISIS in Iraq”. Em *Rebel Governance in the Middle East*, edição de Ibrahim Fraihat e Abdalhadi Alijla: 187–216. Singapura: Palgrave Macmillan. https://doi.org/10.1007/978-981-99-1335-0_7
- AL-AMIN, Muhsin. 1983. *Ayan Al-Shi‘a*. Beirut: Dar al-Ta’ruf for Publications. Kindle.
- AL-ANI, Abdul-Haq. 2016. *The Crisis in Islam*. London: Middle East Book Review.
- AL-HAKEEM, Riyadh. 2015. *The Shia: Identity. Persecution. Horizons*. Dearborn: Mainstay Foundation. Kindle.
- AL-Islam. 2023. “Hawza”. Ask a Question. <https://www.al-islam.org/ask/topics/5763/questions-about-Hawza> (consultado em 17 de dezembro de 2023).
- AL-MUHAJIR, Jaafar. 1989. *Migração Amilí para o Irã na Era Safávida: Suas Causas Históricas e Suas Consequências Culturais e Políticas*. Beirute: Dar Al-Rawdah. Kindle.
- AL-TABATABAÍ, Assayed Mohammad Hussein. 1997. *O Xiismo no Islam*. Brasília: Embaixada da República Islâmica do Irã. <https://www.arresala.org.br/o-xiismo-no-islam/>
- ALMAHFALI, Mohammed, e James ROOT. 2020. “How Iran’s Islamic Revolution Does, and Does Not, Influence Houthi Rule in Northern Yemen”. Sanaa Center for Strategic Studies. <https://sanaacenter.org/publications/analysis/9050> (consultado em 21 de julho de 2024).
- ARJOMAND, Said Amir. 1985. “The Clerical Estate and the Emergence of a Shiite Hierocracy in Safavid Iran”. *Journal of the Economic and Social History of the Orient*, 28: 169-219. <https://doi.org/10.1163/156852085X00028>
- AZIZ, Talib M. 1993. “The Role of Muhammad Baqir al-Sadr in Shi‘i Political Activism in Iraq from 1958 to 1980”. *Internatio-*

- nal Journal of Middle East Studies*, 25: 207-222. <https://doi.org/10.1017/S0020743800058499>
- BARNES, John A. 1987. “Redes Sociais e Processo Político”. En *Antropologia das Sociedades Contemporâneas: Métodos*, editado por Bela Feldman-Bianco: 159-194. São Paulo: Global Universitária.
- BARNETT, Michael. 1988. *Dialogues in Arab Politics: Negotiations in Regional Order*. New York: Columbia University Press. <https://cup.columbia.edu/book/dialogues-in-arab-politics/9780231109185>
- BAYDOUN, Ibrahim *et al.* 1979. *Páginas da História de Jabal Amel*. Beirute: Conselho Cultural do Sul do Líbano. <http://noor-book.com/en/s3hilw>
- BAYLESS, Leslie. 2012. “Who is Muqtada al-Sadr?”. *Studies in Conflict & Terrorism*, 35: 135-155. <https://doi.org/10.1080/1057610X.2012.639063>
- BAZZI, Samer Mohamad. 2004. “The Lebanese Armageddon in the New Iraq”. Bint Jbeil.
- BILGIN, Pinar. 2004. “Whose ‘Middle East’? Geopolitical Inventions and Practices of Security”. *International Relations* 18 (1): 25-41. <https://doi.org/10.1177/0047117804041739>
- CHUAIB, Ali Abdel Menem. 1987. *Reivindicações de Jabal Amil: Igualdade de Unidade no Grande Líbano (1900-1936)*. Beirute: MAJD-Instituição Universitária de Estudos, Publicação e Distribuição.
- DENNY, Frederick. 2015. *An Introduction to Islam*. Routledge. <https://www.routledge.com/Introduction-to-Islam/Denny/p/book/9780138144777>
- DURKHEIM, Émile. (1912) 1983. *Pragmatism and Sociology*. Cambridge: University Press.
- GHARBIEH, Hussein M. 1996. “Political Awareness of the Shi’ites in Lebanon: The Role of Sayyid Abd al-Husain Sharaf al-Din and Sayyid Musa al-Sadr” (tese de doutorado). Durham: Durham University.
- HALAWI, Majed. 1992. *A Lebanon Defied: Musa al-Sadr and the Shi’a Community*. Boulder: Westview Press.
- “ Hamas Negotiates on Behalf of Entire Resistance Axis: Nasrallah”. 2024. *The Cradle*, 10 de julho de 2024. <https://thecradle.co/>

- articles/hamas-negotiates-on-behalf-of-entire-resistance-axis-nasrallah.
- HOURANI, Albert. 1986. "From Jabal 'Āmil to Persia". *Bulletin of the School of Oriental and African Studies*, 49 (1): 133-140. <https://doi.org/10.1017/S0041977X00042555>
- JA'FARI, Sayyid Husayn Muhammad. 2014. *The Origins and Early Development of Shia Islam*. Irã: Ansariyan Publications e Lulu Press, Inc.
- KARMON, Ely. 2009. "Iran and its proxy Hezbollah: Strategic penetration in Latin America". *Elcano Newsletter*, 55: 32. <https://core.ac.uk/download/pdf/42966465.pdf>
- KATZENSTEIN, Peter J. 1996. *The Culture of National Security: Norms and Identity in World Politics*. New York: Columbia University Press.
- KAZUO, Morimoto. 2012. *Sayyids and Sharifs in Muslim Societies*. London: Routledge.
- KHATIB, Lina. 2021. "How Hezbollah Holds Sway Over the Lebanese State". London: Chatham House. <https://www.chathamhouse.org/2021/06/how-hezbollah-holds-sway-over-lebanese-state>
- KOSS, Maren. 2018. *Flexible Resistance: How Hezbollah and Hamas Are Mending Ties*. Routledge.
- LOUËR, Laurence. 2008. "Transnational Shia Politics: Religious and Political Networks in the Gulf". New York: Columbia University Press.
- MANSOUR, Renad e Benedict ROBIN-D'CRUZ. 2022. "The Sadrist movement in Iraq". London: Chatham House, 28 de outubro, <https://www.chathamhouse.org/2022/10/sadrist-movement-iraq> (consultado em 25 de janeiro de 2024).
- NAUMANN, Nils. 2013. "A Troubled Host". *Deutsche Welle*, 27 de março. <https://www.dw.com/en/a-troubled-iraq-hosts-the-arab-league-summit/a-15826267>.
- RUBIN, Michael. 2009. "The Enduring Iran-Syria-Hezbollah Axis". *American Enterprise Institute*, 6: 1-6. <http://www.jstor.org/stable/resrep03078>
- SAAD-GHORAYEB, Amal. 2003. "Factors Conducive to the Politicization of the Lebanese Shi'a and the Emergence of Hizbu'llah".

- Journal of Islamic Studies*, 14 (3): 273–307. <https://doi.org/10.1093/jis/14.3.273>
- SALAMEY, Imad e Frederic PEARSON. 2007. “Hezbollah: A Proletarian Party with an Islamic Manifesto – A Sociopolitical Analysis of Islamist Populism in Lebanon and the Middle East”. *Small Wars & Insurgencies*, 18: 416-438. <https://doi.org/10.1080/09592310701674358>
- SAOULI, Adham. 2014. “Intellectuals and Political Power in Social Movements: The Parallel Paths of Fadlallah and Hizbullah”. *British Journal of Middle Eastern Studies*, 41: 97-116. <https://doi.org/10.1080/13530194.2014.878509>
- SHAERY-EISENLOHR, Roschanack. 2009. “Territorializing Piety: Genealogy, Transnationalism, and Shi’ite Politics in Modern Lebanon”. *Comparative Studies in Society and History*, 51: 533-562. <https://doi.org/10.1017/S001041750900022X>
- SHANAHAN, Rodger. 2013. “From Tyre to Tehran: Transnational Links Amongst Lebanese Shi’a Clerical Families”. *Journal of Shi’a Islamic Studies*, 6: 307-322. <https://doi.org/10.1353/isl.2013.0028>
- SILVA, Carlos Alberto da *et al.* 2013. “Análise de Redes Sociais e Sociologia da Ação. Pressupostos Teórico-Metodológicos”. *Revista Angolana de Sociologia*, 11: 91-106. <https://doi.org/10.4000/ras.361>
- Stewart, Devin J. 1996. “Notes on the Migration of ‘Āmilī Scholars to Safavid Iran”. *Journal of Near Eastern Studies*, 55: 81-103. <https://doi.org/10.1086/373800>
- TAQIEL-DIN, Suleiman. 1979. *Páginas da História de Jabal Amel*. Beirute: Conselho Cultural do Sul do Líbano. <http://noor-book.com/en/s3hilw>
- URQUHART, David. 1860. *The Lebanon (Mount Souria)*. London: Thomas Cautley Newby. <https://www.amazon.com/Lebanon-Mount-Souria-history-diary/dp/1402192452>
- WASSERMAN, Stanley e Katherine FAUST. 1998. *Social Networks Analysis: Methods and Applications*. New York: Cambridge University Press. https://library.wiwi.ac.at/cgi-bin/koha/opac-detail.pl?biblionumber=67344&shelfbrowse_itemnumber=4306

- WEDEEN, Lisa. 1999. *Ambiguities of Domination: Politics, Rhetoric, and Symbols in Contemporary Syria*. Chicago: University of Chicago Press.
- WELLMAN, Barry e Scott BERKOWITS. 1988. *Social Structures. A Network Approach*. Cambridge: Cambridge University Press.
- WENDT, Alexander. 1998. "On constitution and causation in international relations". *Review of international studies*, 24 (5): 101-118. <https://doi.org/10.1017/S0260210598001028>
- WINTER, Stefan. 2010. *The Shiites of Lebanon under Ottoman Rule, 1516-1788*. Cambridge: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511676413>
- Wood, Michael. 1999. "Ayatollah Muhammad al-Sadr Obituary". *The Guardian*, 5 de março. <https://www.theguardian.com/news/1999/mar/05/guardianobituaries1>
- ZUBAIDA, Sami. 1997. "Is Iran an Islamic State?". Em *Political Islam: Essays from Middle East Report*: 103-119. Berkeley: University of California Press.